RESPIRAR DAS SOMBRAS
Xavier Zarco
VirtualBooks

Respirar das Sombras

Xavier Zarco

Xavier Zarco (Coimbra, 1968). Publicou: "O livro dos murmúrios" (Palimage Editores, 1998); "No rumor das águas" (Virtualbooks, 2001); "Acordes de azul" (Virtualbooks, 2002); "Palavras no vento" (Virtualbooks, 2003); "In memoriam de John Lee Hooker" (Virtualbooks, 2003); "Ordálio" (Virtualbooks, 2004); "Hino de Santa Clara" (Junta de Freguesia de Santa Clara, 2005); "O guardador das águas" (Mar da Palavra, 2005); "O ciclo do viandante" (Virtualbooks, 2005); "O fogo A cinza" (Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão, 2005); "Stanley Williams" (Virtualbooks, 2006); "À beira do silêncio" (Virtualbooks, 2006); "Monte maior sobre o Mondego" (ArcosOnline, 2006); "Afluentes do poema" (Virtualbooks, 2006); "Trinta mais uma odes" (Virtualbooks, 2007); "Divertimento poético" (Virtualbooks, 2007); "Variações sobre tema de Vítor Matos e Sá: Invenção de Eros" (Edium Editores, 2007); "Poemas com rosto" (Virtualbooks, 2007); "O livro do regresso" (Edium Editores, 2008); "Nove ciclos para um poema" (Edium Editores, 2008); "Instantes de Actéon" (Virtualbooks, 2008); "Lições de Thanatos" (Edium Editores, 2008); "Uma serenata para Zara" (Virtualbooks, 2009); "25 Cravos de Abril" (CGTP-IN, 2009) e "Coimbra ao som da água" (Temas Originais, 2009). A sua obra foi distinguida com o Prémio de Poesia Vítor Matos e Sá, em 2004 e 2007; Prémio de Poesia do Concurso Literário Manuel Maria Barbosa du Bocage - 2005; Vencedor do Concurso para a Letra do Hino da Freguesia de Santa Clara; Menção honrosa (poesia) no Prémio Literário Afonso Duarte – 2004; Prémio de Poesia Raúl de Carvalho - 2005; Prémio Literário da Lusofonia - 2007; e Menção Honrosa (Poesia) no 1.º Concurso de Conto e Poesia da CGTP-IN – 2007.

*

A lua no corpo
do poema qual fugaz
maré de sentidos.

*

abre-se a manhã
ao riso secreto e doce
do eterno nascer

*

Amanheço. O sol
é um verso de um poema
que me acorda o olhar.

*

Ampla, é a palavra
quando germina na boca
desperta em silêncio.

*

Ao longe, o destino
em ténue esboço: um trilho
com sabor a sal.

*

Deito no poente
a semente do poema
nado em tua voz.

*

Desenha o caminho
como breve e frágil folha
no dorso do vento.

*

Distante, somente
o voo de uma gaivota
rente às tuas mãos.

*

É na mão do vento
que floresce pleno o gesto,
o acto de criar.

*

É uma ave, um canto
que irrompe no véu do sonho
e desnuda a noite.

*

Escuto um murmúrio.
O rumor do vento escrito
na folha do outono.

*

há uma ave, um canto
uma voz pela manhã
na boca do orvalho.

*

Já perto da queda,
esboçara o seu desejo:
ser ave e voar.

*

Longe do silêncio,
a erva que entoa a canção
do nascer do sol.

*

Maio é breve flor
exposta ao olhar do sol
como luz eterna

*

Na água do rio
vou. Vou no dorso do vento
que lhe afaga a face.

*

Na gota de orvalho
nasce talvez uma flor
talvez teu olhar

*

Não existe morte,
Noviço. É tudo uma etapa
de um eterno ciclo.

*

Nasce a primavera:
sinto o sol dentro da flor
que brota em teus olhos.

*

No ventre do sol
germina a mais bela flor:
a do teu olhar.

*

o homem é um vulto
a sombra a sua raiz
que renega a luz

*

O parto da música
ondas batendo nas rochas
com o mar ao longe

*

Perdido no mundo
busco a água do teu rio
onde o sonho pesco

*

Por entre o silêncio
da noite, as palavras migram
para lá do olhar.

*

Por um só momento
a palavra ganha vida:
é luz na tua alma.

*

Quando a noite cai
consome o ar que te consome
momento a momento.

*

Quando nasce o sol
no varandim de minha alma
canta um rouxinol.

*

Rente ao lago, a face
no rosto da água, o espelho,
reflexo solar.

*

Rente ao lago, surge
bela e ampla, a flor de lótus
que contempla a luz.

*

Repara na lua.
No seu olhar terno e calmo
mora uma ave em fuga.

*

Sabia do tempo
da ilusão de percorrer
o ciclo solar.

*

Sei poucas palavras.
Olhares muitos, dispersos
no sentir do mundo.

*

Sente, junto à face
do dia, o nascer constante
da arte do poema.

*

Só quem sonha sabe
qual a dimensão do mundo
se voar souber.

*

Sublime é a música
do riacho que percorre
a noite em silêncio.

*

Talvez o poema
seja assim: mero sussurro
nas crinas do vento.

*

Tinhas uma rosa
uma rosa que habitava
dentro de teus olhos

*

um grito adormece
na sua mudez se explica
como morre o dia

*

Uma ave partilha
o canto, o voo, o desejo
de ser liberdade.

*

vê, cumpre-se um ciclo:
o que a ocidente fenece
a oriente nasce.